

CADEIRA N.º 9

Patrono: Fausto Barreto

Vaga: Transferência de Francisco de Alencar Matos para a classe de Sócio Correspondente

Recepiendo: Antônio Filgueiras Lima

Recepiendário: João Clímaco Bezerra

Data da posse: 27 de junho de 1953

JOÃO CLÍMACO BEZERRA. Filho de Raimundo Nonato Bezerra e Maria da Costa Bezerra, nasceu em 30 de março de 1913, na cidade de Lavras da Mangabeira. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará, turma de 1950. Diplomado Contador pela Escola de Comércio Padre Champagnat, tendo sido professor desta. Também professor no Instituto de Educação Justiniano de Serpa e na Faculdade de Ciências Econômicas do Ceará, na Escola de Filosofia da Universidade Federal do Ceará e na Escola de Administração do Ceará. Jornalista, crítico literário e romancista. Publicou: *Não há Estrelas no Céu* (1948); *O Sol Posto* (1952); *Longa é a Noite* (1952); *O Homem e o seu Cachorro*; *O Semeador e Ausências*; *Estudos: Juvenal Galeno e Humberto de Campos*.

Filgueiras Lima

Nas boas vindas que, em nome da Academia Cearense de Letras, venho apresentar-vos, neste instante, não vai apenas o reconhecimento dos vossos reais méritos de escritor e de artista, mas, também, o gáudio de receber-vos, em caráter permanente, no seio de nossa família espiritual.

Sois um nome que surgiu no cenário das letras indígenas para projetar seu brilho num capítulo de nossa história literária. Chegastes, aliás, num momento de crise intelectual, observada e constatada não somente na província, mas em todo o país, pelos mais agudos e perspicazes intérpretes do pensamento e da cultura brasileira. Rareavam, de fato, no campo

da ficção, os legítimos criadores, “os contadores de história de verdade”, para usar aqui a mesma frase de Érico Veríssimo a propósito de vosso romance de estréia. O que então circulava no mercado livreiro do Brasil trazia a nota de indiscutível e indefectível mediocridade. Os anos angustiosos da guerra como que haviam consumido e ressecado a veia imaginativa e a força criadora de nossos homens de letras. Prosa sem nervo, sem flama.

Raras exceções que pouco contavam na *débaçle* geral da ficção brasileira. No campo da vossa especialidade, no romance, noiadamente, — os assuntos, temas, entretchos, personagens, tipos humanos, a mesma paisagem social e até certos cacoetes de linguagem e estilo repetiam-se, monotona-mente, deixando no espírito dos leitores e dos críticos a impressão, se não digo de decadência, pelo menos de cansaço intelectual.

Numa hora dessas, mais do que em outra oportunidade qualquer, representava temeridade sem limites surgir alguém com um livro de estréia. Entretanto, não vos temestes da aventura e bravamente enfrentastes os percalços da jornada. A responsabilidade e o tamanho da tarefa serviram para ressaltar o valor da vossa obra e a extensão do vosso talento de escritor. Chegastes, como César, para ver e vencer. Transpusestes o Rubicão literário com os passos seguros de um triunfador.

O eco de vossa vitória repercutiu em todos os quadran-tes da gleba nativa. O Ceará, que oferecera já ao romance nacional preciosas contribuições, chegando mesmo a dar-lhe o seu autêntico criador com José de Alencar, viu opulentado o seu patrimônio artístico e mental com vosso livro de estréia *Não há estrelas no Céu*.

Em verdade, meu ilustre confrade, não estreastes. O apa-recimento do vosso primeiro romance constituiu a afirmação de um espírito, a imposição de um nome, a consagração de um escritor.

O estilo repousado e enxuto, harmonioso e simples, indi-cava de logo uma forte mentalidade amadurecida nas lides literárias. Nem as enxúndias verbais dos plumitivos nem fogos

de artifício dos neófitos. Sabemos que os principiantes se denunciam sempre pelo excesso de adorno de sua roupagem, assim no domínio da literatura como no das demais artes, objetivas ou subjetivas. Não podemos esquecer a célebre anedota do discípulo Zêuxis, a quem o pintor genial solicitara um quadro representando a beleza incomparável de Vênus. O comentário do mestre heleno, diante da obra demasiadamente rica de cores e enfeites de seu bisonho aprendiz, é uma lição imortal de estética:

— Tu a fizeste assim cheia de ornatos e adereços, porque não soubeste fazê-la formosa.

Vêm aqui a propósito aqueles belos versos de Bilac que sugerem o delicado relevo de um friso do Pártenon:

*“Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade”.*

Vós, ao contrário, não podereis ser condenado pela abundância ornamental da linguagem. Em vossa obra literária já realizada, em vossos romances *Não há estrelas no Céu e Sol Posto*, em vossos contos e novelas, notadamente em *Longa é a noite*, em vossos trabalhos de crítica dominical e até em vossas crônicas vadias — o estilista sóbrio jamais se separa do analista da comédia humana, do intérprete dos fenômenos sociais, do contador de histórias e criador de símbolos.

Não escreveis uma linha sem denunciardes a origem de que ela provém. Mesmo, em vossos artigos anônimos, que podem ser incluídos naquela “literatura apressada”, de que fala José Veríssimo, produzidos sob a trepidação dos fatos e acontecimentos diários, podes, de quando em vez, o “dedo de fora”, revelando o artista, já na originalidade do título, já na construção de um período sonoro, já no jogo estilístico dos adjetivos e dos verbos, para produzir no leitor um seguro efeito emocional pela força dinamogênica da expressão.

Ronald de Carvalho tinha razão, ao dizer que “o único e verdadeiro gênero literário que existe é o estilo”. “Somente

com esse milagroso dom de exprimir o que pensamos ou sentimos — seja na poesia, no romance ou na crítica, ajunta o profundo pensador de *Estudos Brasileiros* e magnífico poeta de *Toda América*, — é que se fazem as obras de arte.”

Puristas endurecidos no suado e ingrato mister de contar e recontar francesias e pronomes mal colocados na obra alheia, por falta de própria, poderão apontar ao longo de vossos livros deslizes gramaticais que lhes não roubarão, de certo, o mérito intrínseco. Podereis, talvez, olhar um pouco mais para este aspecto da vossa obra, até porque, incluído, embora, na corrente modernista, vossas preferências parecem voltar-se para os novos clássicos de nossa língua daquém e dalém mar. Machado e Eça de Queirós vincaram fortemente a formação de vosso espírito. Sentimo-lo em muitos passos dos vossos dois romances. É que o vosso equilibrado e sadio modernismo não tem a marca daquele que, conforme acentua João Ribeiro, com ironia, em suas deliciosas *Páginas de Estética* — “a uma verdade antiga prefere, sem hesitar, uma asneira contemporânea” . . .

Esse misto de poesia e realidade com que teceis as vossas histórias e forjais os vossos tipos é que vos assegura um lugar à parte na moderna geração de romancistas nacionais. Cabe-vos, sem dúvida, a obrigação de manter a posse do lugar conquistado com arrojo e brilho. Seguindo um gênero literário que engloba e reúne todos os outros, precisais cada dia melhor e cada vez mais preparar-vos para o exercício da função que deliberadamente escolhestes na República das letras. As almas simples e chãs, a terra pobre e amada, a tragédia cósmica e humana da gleba nativa, tudo isso deve continuar a servir de motivo e substância aos vossos livros de ficção. Quanto mais fortes forem os laços entre o escritor e a sua terra tanto mais capaz de universalidade será, por certo, a obra que lhe sair das mãos.

Não é só a história de uma mulher que é sempre romance, como disse certo esteta francês, mas a de todos estes miseráveis e frágeis seres, dotados de razão e sentimento, que penam, e sofrem e suam, e choram, e lutam por esta

“costa d’África da Vida”. Em toda alma humana, por mais chã e rasa, existe sempre uma insatisfação, uma dúvida, uma ânsia, um sonho, um ideal ou uma lágrima. Aí reside seu interesse; principia aí o seu romance. Porque cada ser humano é uma síntese psicológica da humanidade, como cada recanto do planeta é um resumo cósmico do universo.

Já se disse, em frase pitoresca, que a aldeia natal é o universo inteiro numa casca de noz. Em vossos romances, senhor João Clímaco Bezerra, essa aldeia natal é uma constante que lhes imprime selo particular. Mergulhastes nesse grande pequenino mundo e dele extraístes a temática de vossa obra literária, em que o memorialista, muitas vezes, supera o romancista. É assim, pelo estreito caminho do regional, que todo artista chega à amplitude de horizontes do universal. Ao contrário de Proust, cujas reminiscências se ligam quase sempre a ambientes aristocráticos e ricos, as vossas se voltam, com ternura comovida, para lugares despreziosos e humildes em que transcorreram os ancs felizes da vossa infância, e os dias, por vezes, dramáticos e angustiosos da vossa adolescência.

Não sei de melhor elogio para quem, como vós, vive só das letras e para as letras. Porque, com o intuito de engrandecer a vossa personalidade intelectual, não iria aqui chamar-vos de técnico de Educação, professor de História, estatístico e outros quejandos títulos de que, se realmente vos orgulhais mais do que do de escritor e romancista, não chegamos a compreender o personagem principal do vosso romance *Sol Posto*.

Mas nenhuma nota, na sinfonia de vossa vida, toca mais de perto à sensibilidade de quem vos saúda neste instante do que aquela que acabei de pôr em relevo quando me referi de modo particular à terra que vos serviu de berço.

Sois filho da mesma boa e generosa terra em que igualmente abri os olhos, pela primeira vez, à luz e à vida. Os poucos anos que nos separam cronologicamente, e que não chegam bem a quatro, distância temporal que gostosamente exagerais, com deliciosa perfídia literária em nossas rodas domingueiras, — não poderiam representar fronteiras assinalativas de duas gerações diferentes. Somos contemporâneos da

cheia de 17, da inauguração da Estrada de Ferro, freqüentamos a mesma escola de Dona Amélia Braga, seguimos com o mesmo encantamento a banda de música do mestre Bezerra, que descrevestes num romance e eu cantei num poema; ouvimos os mesmos pacíficos sermões do padre Miceno e as mesmas objurgatórias veementes do padre Mundoca; acompanhamos com assombro as mesmas rumorosas partidas de gamão de vosso avô; admiramos com o mesmo ingênuo espanto a figura viril do velho Gustavo ditando ordens imperativas à política local; atravessamos, na canoa de Raimundo de França, nas costas do gigante negro Pedro Cajueiro, ou à força de nossos braços de criança, o mesmo rio da nossa saudade, que vos deu assunto para ricas páginas de prosa e a mim me inspirou um punhado de pobres rimas, — rio dos cangapés e das galinhas-d'água, onde há um poço de nome característico, — o "Gueguéu", rio que corre sempre na nossa lembrança com os seus balseiros e flóculos de espuma, rio inesquecível, rio mais doce do mundo — Rio Salgado! . . .

Seja para melhor exaltar-vos esta sentida evocação da terra natal, no instante festivo em que ingressais na Academia. Viestes de muito longe, de uma cidade remota do sertão cearense e, por isso, tendo feito assim suada e extensa caminhada, trazeis, para a simbólica e efêmera coroa de louros sob os cabelos grisalhos, a cabeça fatigada.

Os que não tiveram estrada longa a percorrer na vida, porque já nasceram em berços de ouro, não saberão compreender, talvez, o que existe de grande e comovente em vosso triunfo literário. Sei que vos fizestes digno desta homenagem, porque destes à literatura do Ceará e do Brasil algumas páginas que certamente levarão vosso nome ao estudo e à admiração das gerações que hão de vir.